

A IMPORTÂNCIA DA IMPRENSA LITERÁRIA PARA A HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE

Luciana Brito¹

Cabe salientar que a evolução das nossas letras se processou, outrossim, derredor de simples revistas literárias, autônomas [...] Em torno delas, com efeito, movimentavam-se vibrantes e intensíssimas agitações espirituais, de irrecusável influência, na incrementação do nosso patrimônio literário.

Dolor Barreira

RESUMO: A imprensa literária teve um papel primordial na difusão da literatura e no enriquecimento cultural do Ceará no século XIX, pois foi mediante a ação de revistas e jornais, publicados por variadas sociedades literárias, que as letras cearenses se expandiram, fecundaram e frutificaram. Dentre estas sociedades algumas tiveram existência curta e efêmera, outras longa e intensa, como é o caso da Academia Francesa, Gabinete Cearense de Leitura, Club Literário,

¹ Luciana Brito é forma em Letras pela UNESP/Assis, com Mestrado na área de Teoria Literária/Literatura Comparada e Doutorado na área de Literatura e Vida Social também pela UNESP/Assis. Atualmente é docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação da UENP/Centro de Letras, Comunicação e Artes, onde coordena dois Grupo de Pesquisa e um Projeto de Extensão Universitária com o financiamento do Programa Governamental USF – Universidade Sem Fronteiras. Também ocupa o cargo de Vice-Coordenadora do Centro de Letras, Comunicação e Artes e é Membro do Comitê de Iniciação Científica e Pesquisa da UENP.

Instituto do Ceará, Padaria Espiritual, Academia Cearense, Centro Literário, dentre outras servindo à divulgação das obras de alguns dos destacados representantes da intelectualidade cearense daquele momento. O jornalismo literário foi uma alternativa às práticas jornalísticas então predominantes, ligadas a um caráter crítico-opinativo ou essencialmente noticioso, destinando espaço a diferentes manifestações literárias.

PALAVRAS-CHAVES: Imprensa, Literatura, História Literária, Ceará.

ABSTRACT: The literary press had a primordial role in the diffusion of literature and the cultural enrichment of Ceará in the nineteenth century, because it was through the action of magazines and newspapers, published by various literary societies, which the letters from Ceara expanded, enriched and there were good results. Among those societies, some had short and ephemeral existence, other ones, long and intense, as it is the case of the French Academy, Cearense Office of Reading, Literary Club, Institute of Ceará, Spiritual Bakery, Cearense Academy, Literary Center, and other ones, serving the dissemination of works of some important intellectual people from Ceará of that moment. The literary journalism was an alternative to the then predominant journalistic practices linked to a critical-opinionated feature or essentially newsy, reserving space to different literary events.

KEY-WORDS: Press, Literature, Literary History, Ceará.

No início da colonização do Brasil, situado a meio caminho entre as capitanias do Norte e as de Pernambuco e da Bahia, o Ceará se apresentava aos olhos da Coroa Portuguesa

como um ponto estratégico de ligação entre essas duas regiões. Essa é a razão maior que levou os colonizadores a se interessarem por uma terra sem produtos de valor comercial, que pudessem despertar a cobiça da Metrópole. Era importante para Portugal ocupar essa região, pois a costa cearense sofria de calmarias temporárias, que dificultavam a comunicação entre o norte e o leste da colônia. Uma caravela, por exemplo, que saísse do Maranhão para Pernambuco, ou em sentido contrário, teria que esperar uma boa temporada até que os ventos voltassem a soprar favoravelmente. A demora era tanto que há quem diga que melhor seria ir a Lisboa e de lá retornar para as outras capitanias. Portanto, manter uma povoação fortificada nessas terras do meio convinha aos exploradores da riqueza colonial. Fortaleza vai nascer, assim, como um local de baldeação, onde as naus poderiam fazer eventuais aguadas, ou, quando não, deixá-las fundeadas e seguir viagem por terra, até alcançar as águas do rio Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão (GIRÃO, 1947).

Desde o início a história de Fortaleza é marcada por altos e baixos constantes. A chegada dos colonizadores foi muito custosa e de pouco sucesso inicial. A seca e os índios foram grandes entraves além do fato de não ter sido achado nenhum metal precioso. O forte marca a ocupação e o surgimento da cidade como elemento protetor dos

colonizadores. A vila, depois cidade, consolida-se como entreposto para navegadores entre as capitanias do sul e do norte. Mais tarde, em 1799, com a autonomia administrativa da província do Ceará, Fortaleza torna-se a capital e principal ponto de convergência da produção de charque e algodão, que geram a riqueza necessária para a consolidação da cidade como líder entre todas as outras (GIRÃO, 1947).

Ao longo do século XIX, a cidade de Fortaleza constituiu-se uma das mais importantes cidades cearenses, atuando, decisivamente, no escoamento da produção regional bem como na importação de diversos bens manufaturados, ou seja, servindo como verdadeira porta de saída e entrada da Província. Esse contexto de significativo crescimento econômico, seguido de avanço urbano, expansão populacional e relativo progresso cultural, tornou-se campo razoavelmente fértil às práticas jornalísticas que evoluíram, consideravelmente, junto à comunidade cearense, durante aquela época. Por outro lado, o desenvolvimento da imprensa também serviu à caracterização da cidade como um dos mananciais de modernização do país.

Acompanhando o fato de que Fortaleza desempenhou papel primordial na província, a imprensa foi uma das mais destacadas do Nordeste e mesmo do Brasil, tanto pela quantidade, quanto pela qualidade de seus

periódicos. Assim, além de ter sido uma das primeiras localidades cearenses a possuir jornais, Fortaleza teve algumas das mais perenes folhas, em termos provinciais/estaduais, as quais chegaram a circular por várias décadas. Nesse sentido, o jornalismo praticado nessa cidade portuária acompanhou, passo a passo, de modo muito próximo, a evolução do conjunto da imprensa brasileira do século XIX.

O porto de Fortaleza não representou apenas "a porta de entrada" da Província, em termos do comércio de mercadorias, servindo também à circulação de informações, idéias e opiniões, pois, durante significativo período, as notícias chegavam ao Nordeste, através dos jornais do Rio e da Europa, vindos de navio. Era ainda comum a reprodução de notícias de periódicos do centro do país e estrangeiros, porém, a recíproca era verdadeira, uma vez que jornais da Corte reproduziam informações (e opiniões) prestadas pelas folhas de Fortaleza.

Além disso, havia também um intercâmbio entre os jornalistas, pois muitos dos escritores que atuaram em Fortaleza já haviam trabalhado ou viriam a atuar em atividades jornalísticas no centro do país. Ao lado dessa circulação de notícias, a imprensa fortalezense agiu constantemente na emissão e construção de uma prática discursiva, dando voz aos mais variados grupos, frente aos partidos políticos que estavam em atividade

no contexto regional e nacional, notadamente durante a formação do Estado Nacional Brasileiro e a transição da Monarquia à República.

Nesse quadro, a evolução da imprensa fortalezense, no século XIX, acompanhou o processo de desenvolvimento do jornalismo brasileiro, mormente do nordestino, tanto no aspecto cronológico, quanto nas estruturas de organização e sustentação. Mesmo com alguma defasagem com relação aos progressos das atividades jornalísticas na Capital imperial/Federal, o jornalismo na cidade de Fortaleza desenvolveu-se de modo coetâneo, como da maior parte da conjuntura nacional, e chegou a ser pioneiro, se relacionado com a conjuntura regional.

Em Fortaleza, em 1816, possivelmente já circulavam as chamadas "folhas" ou "folhetos", dos quais quase não há registros. Estes chegavam à população letrada através da ação de agentes maçônicos-revolucionários que, em viagens pela região, os distribuíam com o intuito de favorecer a formação de um projeto libertário (MONTENEGRO, 2004). Sabe-se apenas que eram manifestações contra o sistema monárquico-absolutista e contra a opressão praticada na colônia, como é o caso de *O Preto e Bugio no mato*, duas folhas revolucionárias sobre as quais não se têm notícias precisas, sabe-se apenas que foram proibidas e recolhidas pelo governo. Havia também os periódicos importados,

muitos de Londres, que apregoavam idéias liberais que pudessem favorecer aberturas no sistema colonial.

Segundo Montenegro (2004), dentro de um critério oficial, o *Diário do Governo do Ceará* foi primeiro jornal cearense, cujo redator, Padre Melo Mororó, o utilizava como meio de divulgação de suas convicções liberais, tendo se envolvido no embate da Confederação do Equador. Entretanto, segundo informações do Barão de Studart, circulou antes do jornal oficial, a *Gazeta do Ceará*: “Realmente houve uma gazeta no tempo daquele notável homem de governo, mas essa não era impressa, redigia-a o próprio Sampaio, que a fazia circular; posso afirmá-lo, pois, que tal gazeta faz parte de meu arquivo. Chamava-se *Gazeta do Ceará*.” (STUDART, 1924, p.34)

Entretanto, por falta de fontes acerca das origens desse jornal, é praticamente impossível explicar sua existência, bem como sua continuidade. Daí a preeminência oficial atribuída ao *Diário do Ceará*, na impossibilidade de uma reconstituição segura dos primeiros tempos do jornalismo cearense. De acordo com Geraldo Nobre “O que se escreveu, até agora, sobre a fase primordial do jornalismo no Ceará, não pode ser considerado definitivo, porquanto existem vários pontos a esclarecer”. (NOBRE, 1972, p.60) O período de 1817 a 1824 foi um dos mais agitados da história do Nordeste, devido

ao inconformismo da população com relação à política oficial, daí o florescimento de diversas folhas panfletárias.

O jornalismo em Fortaleza desenvolveu-se num processo no qual podem ser identificadas três fases: a primeira, no início do século XIX, foi marcada pelas origens das atividades jornalísticas na cidade; a segunda, desde a metade da década de quarenta até e final da de sessenta - ambos do século XIX - caracterizou-se por um crescimento e diversificação dos periódicos, surgindo, então, a maior parte dos diários de extensa longevidade e a imprensa literária; e a terceira, nas três últimas décadas do século XIX, quando se deu um processo de amplo desenvolvimento e apogeu do jornalismo, até os prenúncios da crise que culminaria com o declínio, na virada daquela centúria para a seguinte.

A divulgação de matéria literária constituiu-se uma tradição junto à imprensa cearense, especialmente nos jornais diários que, desde cedo, dedicaram algum espaço em suas páginas para apresentar trechos de obras literárias, através da seção "Folhetim". Esta seção, no entanto, destinava-se, essencialmente, a divulgar escritos de autores estrangeiros ou de renomados escritores brasileiros, ou seja, os "clássicos" da literatura, não ocorrendo maiores oportunidades para os poetas e prosadores da conjuntura local ou regional. Além disso, os

folhetins eram apresentados ao "pé-de-página", e apareciam (ou desapareciam) de acordo com o espaço disponível, não sendo considerados matéria imprescindível à publicação como um todo (MONTENEGRO, 2004). A seção "Folhetim" caracterizava-se, ainda, por uma simples transcrição das obras, não havendo qualquer preocupação em abordar mais profundamente ou discutir aspectos ligados à literatura como a temática, a história ou a crítica.

Foi somente a partir do final da década de setenta que passou a desenvolver-se um jornalismo essencialmente vinculado à divulgação literária. Repetindo um fenômeno que se dava nas maiores cidades do país, as folhas literárias eram, normalmente, iniciativa dos próprios autores ou de indivíduos ligados à difusão da literatura, em geral, pertencentes a agremiações literárias e/ou culturais. (SODRÉ, 1966, p. 225-228) Esses periódicos surgiam numa fase de transformação das práticas jornalísticas, respondendo a uma nova conjuntura sócio-econômica e política que se anunciava, onde as preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades se encontravam em embrião, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo.

Nesse sentido, as publicações literárias gestaram-se nesse contexto social, especializando-se progressivamente no atendimento dessas novas necessidades.

Nessa linha, o surgimento desta imprensa literária insere-se num processo de desenvolvimento cultural da cidade de Fortaleza, no qual a imprensa, bem como as diversas agremiações que se formavam (Fênix Estudantil, Academia Francesa, Centro Literário, Padaria Espiritual, dentre outros) desempenhavam significativo papel na demonstração de que a "porta de entrada" da Província era bafejada pelos princípios básicos da civilização, conforme os padrões europeus.

Uma das grandes preocupações dos jornais literários esteve ligada ao constante intento de demonstrar que suas propostas eram essencialmente culturais, não devendo suas páginas destinar espaço a outro tipo de matéria que não estivesse ligada à literatura, à arte ou ao entretenimento. Esse objetivo das folhas literárias esteve associado à busca por uma superação da pasquinagem, então bastante em voga, bem como ao objetivo de tornar-se progressivamente uma alternativa ao jornalismo político-partidário, predominante em significativa parte da existência do jornalismo não só cearense como nacional. Ao lado dos noticiosos, os literários procuraram romper com a situação então vigente, especializando-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário. Era, assim, uma tentativa de criar um jornalismo

alternativo à prática intrinsecamente opinativa que marcava a imprensa até aquele momento.

Nesse contexto, as folhas literárias cearenses que circularam na segunda metade do século XIX, buscaram demarcar o seu território na prática de um jornalismo mais ameno, voltado à erudição e ao entretenimento, em oposição às folhas de caráter opinativo que sustentaram os mais variados embates políticos-partidários e/ou pessoais.

As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, eram periódicos em geral de pequeno formato, distribuição não-diária, normalmente irregular que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação, os quais nem sempre eram elaborados em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para serem impressos, como fica descrito em um artigo de abertura do jornal *O Pão* n.º 2:

Queremos apenas deixar bem acentuado no espírito do leitor que *O Pão* não saiu há mais tempo por falta absoluta de tipografia que o imprimisse, porque a todas que existem nesta terra pedíamos que imprimissem *O Pão* e todas respondiam que não. Não é que houvesse da parte delas o propósito de uma recusa ao nosso jornal, que só tem por inimigos a burguesia; mas havia a deficiência de meios com que satisfazer aos compromissos já tomados e

imprimir *O Pão*. (Artigo de fundo. *O Pão*, n.º 2, 30 de outubro de 1892, p.2)

Em geral, eram jornais de confecção artesanal, nos quais um único indivíduo executava as mais variadas funções, desde a elaboração até a distribuição do produto final. Muitas vezes sem empregados, era o próprio proprietário quem se encarregava da redação, da formatação, do trabalho tipográfico e das vendas dessas folhas, como é descrito pelo padeiro Jovino Guedes, ao descrever a venda e também a divulgação do jornal *O Pão*, feitas pelos próprios redatores. Aos domingos, os membros da Padaria Espiritual dirigiam-se ao Café Java de posse dos exemplares e os ofereciam a quem passava pelo local:

Após um curto itinerário feito em torno da praça do Ferreira, instalaram-se no Café Java. Fazendo ponto de reduto d'aquela popularíssimo estabelecimento, os padeiros, cada um por sua vez e todos a um tempo, investiam n'uma avidez de faminto a todo simples mortal que passava d'aquelas dependências, e pediam-lhe que, por quem era, comprasse-lhes "*O Pão*". E foi dess'arte que duas horas depois.., duas horas! .. achava-se completamente esgotada a edição de 2.496 exemplares do 2. n.º d' "*O Pão*". E foi ainda d'esta arte que todas as pessoas a quem oferecemos "*O Pão*" o compraram da melhor vontade e com a maior gentileza, a exceção de dois burgueses que tiveram o inaudito desprante de o

recusar; um pela imperiosíssima circunstância de não saber ler, outro por se achar muito azoinado (*sic*) de umas malditas homorróidas . (Artigo de fundo. *O Pão*, n.º 7, 6 de novembro de 1892, p.1-2.)

belamente sentenciar ex-cátedra que o nosso público é infenso, senão hostil a isso de literatura “que não bota ninguém para adiante”. (Preliminares. A QUINZENA, 15 de janeiro de 1887)

Nesse sentido, a imprensa literária também apresentou esse caráter de ser implementada a partir de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos, e, às vezes, das condições precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, apesar da pouca perenidade.

Os editores reclamavam, também, do pouco interesse demonstrado pela população, comparando o incentivo dado à literatura em outros países. Essa falta de interesse pela leitura foi destacada pelo literato João Lopes, do jornal *A Quinzena*, ao afirmar que:

Se na capital do império, metrópole da civilização sul americana, o meio não é propício às letras e as publicações exclusivamente literárias mal podem, à custa de tenaz e mortificante sacrifício, romper a espessa crosta da indiferença pública para arrastar uma vida penosa e efêmera; na província, aqui por estes recantos do norte, parece desatino quebrar a homogeneidade beatificante rotineira da vida provinciana, para escrever sobre letras e artes e ciência. Vão assim objetar-nos os *homens práticos*, homens práticos que, por pouco que saibam, sabem

O escritor Adolfo Caminha também comenta sobre o assunto, em uma de suas crônicas, ao dizer que: “A capital do Ceará, encantadora como uma pérola do Oriente, bela como a concheceis, é, entretanto, uma cidadezinha sofrivelmente atrasada com laivos de civilização. Se temos duas livrarias, em compensação não lemos livros que prestem.” (Sabatina. *O Pão*, n.º 2, 17 de julho de 1892, p. 1)

Além da falta de leitores em Fortaleza, outra dificuldade na manutenção das folhas literárias esteve ligada à inadimplência dos assinantes, que tiravam a praticamente solitária forma de arrecadação dessa imprensa. Isso levava os jornais a manifestarem-se abertamente contra essa situação, como o aviso que aparece em *O Pão* n.º 29:

Pedimos encarecidamente aos nossos assinantes do interior e dos Estados, que se acham em atraso, o estimável obséquio de mandarem pagar e reformar suas assinaturas até o fim de dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d’*O Pão* de janeiro em diante. Para este importante assunto chamamos a atenção de nossos prestimosos correspondentes e

agentes. (Aviso. *O Pão*, n.º 1 de dezembro de 1895, p.4)

Os obstáculos relacionavam-se, também, à dificuldade na obtenção de matérias, como destaca Adolfo Caminha ao descrever, de forma bem humorada, as peripécias de um redator para conseguir a composição de seu texto:

Longos, intermináveis e modorrentos os sete dias últimos. Consulto meu secreto canhenho de cronista provinciano e quase nada encontro nele digno de figurar nas adoráveis colunas d'*O Pão*, a não ser o lamentável caso do vapor Alcântara que um descuido verdadeiramente fatal e criminoso arremessou às inóspitas praias de Piriquara. Excelente assunto, na verdade, mas próprio, porém, para um libelo ou para uma crônica hebdomadária, leve, diáfana, onde cada frase deve encerrar um conceito finamente xistoso e inofensivo, uma crônica como deveria ser esta que me propus a escrever, cheia de humorismos bons e tonificantes, alguma coisa semelhante a uma página alegre de Jules Janin ou de França Júnior, que a gente pudesse saborear aos domingos, antes do almoço e depois do café matinal, de volta do banho, pele fresca cheirando a sabonete inglês, espírito despreocupado das coisas pesadas e graves; uma crônica, enfim, escrita ao correr da pena, sem pedantescos sermões doutrinários. (Sabatina. *O Pão*, n.º 1, 10 de julho de 1892, p. 6)

O caráter artesanal e a impossibilidade de contratação de pessoal para a realização das diversas tarefas, ficando sobrecarregados os proprietários, foram outros fatores que limitaram a ação da imprensa literária. A impossibilidade de manter uma circulação regular foi um dos elementos motivados por aqueles fatores, ocorrendo, diversas vezes, a interrupção das edições, como ocorreu com o jornal *O Pão*. Após o surgimento dos seis primeiros números, que circularam de julho a novembro de 1894, o jornal dos padeiros sai de circulação. Os outros trinta números, a começar pelo n.º 7, reaparecem no início de 1895, agora em tamanho maior e com a presença de um diretor, Antônio Sales, e um gerente, Sabino Batista (1868-1899). No primeiro número dessa nova série, isto é, o n.º 7, há um artigo inicial, intitulado “Voltando”, que assim se refere ao retorno do jornal:

Depois de uma ausência que muitos talvez já considerassem eterna, volta agora *O Pão* às pugnas da inteligência, e volta, como vêem, mais crescido, mais circunspeto e mais forte. A notícia de seu regresso despertou um movimento de simpatia no público cearense, ao qual não temos palavras bastantes para agradecer a boa vontade com que nos proporcionaram os meios precisos para que tivesse a nossa modesta mas operosa associação um veículo das suas produções, um registro dos seus esforços em prol do adiantamento literário de nossa terra. Robustecida pela

aquisição de novos obreiros, estimulada pelos aplausos que tem conquistado em todo o país, espera a Padaria Espiritual prosseguir honradamente na sua missão, juntando novos triunfos aos que já assinalaram a sua trajetória. (Voltando. *O Pão*, n.º 7, 1.º de janeiro de 1895, p. 1)

Leonardo Mota, referindo-se à segunda fase do jornal, comenta que:

Antônio Sales alardeava, cheio de otimismo, orgulhoso do passado, satisfeito com o presente, e crente no futuro d' *O Pão*: – “Muitas das melhores penas brasileiras e algumas estrangeiras têm perlustrado as nossas colunas, onde figuram, jóias literárias de valor precioso e de valor real. Rara é a obra que aparece no Rio ou nos Estados que não nos seja oferecida por seu autor com dedicatórias honrosas. A remessa da nossa revista é vivamente solicitada por todas as sociedades literárias que se vão organizando e pelas publicações que surgem. Finalmente não nos tem faltado o calor da simpatia pública, nem motivos de satisfação para a nossa vaidade – um travo que toda gente tem, mas que nem toda a gente confessa ter, seja embora um sentimento nobre e legítimo, quando assenta em bases honestas. Seria, pois, ofensa a Deus o queixarmos da sorte. Mesmo porque isso de sorte é, o mais das vezes, o bode expiatório dos nossos erros”. (MOTA, 1938, p.80)

Essas considerações de Antônio Sales sobre o presente próspero do jornal não se mantiveram por muito tempo, pois, logo após tais comentários, o jornal parou de circular durante oito meses, voltando à ativa no dia 15 de agosto de 1896, perdurando por apenas três meses, pois finda-se em 31 de outubro de 1896.

Apesar das dificuldades, as folhas literárias se espalhavam pela Corte e pelas províncias, servindo à difusão cultural, além de proporcionarem entretenimento ao público leitor. Nesse quadro, o desenvolvimento da literatura cearense do século XIX esteve intimamente vinculado ao aparecimento da imprensa e dos grêmios literários, pois os periódicos, em sua maioria lançados por essas agremiações, tiveram efetiva influência na produção literária da Província e na sua conseqüente divulgação, uma vez que os principais autores cearenses recorriam aos jornais e revistas, devido às grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras. Foram divulgados nesses jornais literários trabalhos dos mais representativos autores cearenses: romances, contos, poesias, correspondências e textos críticos. Assim, esses elementos difusores tiveram fundamental importância para o enriquecimento cultural da província, permitindo uma maior popularização da incipiente literatura local e regional. De acordo com BARREIRA (1948, p. 59), “a

evolução das letras no Ceará se fez, quase sempre, preponderantemente, em torno das associações, academias ou grêmios literários e de seus órgãos especiais”, ou seja, seus jornais e revistas.

Referência bibliográfica:

BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1948, T. I e II.

GIRÃO, Raimundo. *A Academia de 1894*. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1975.

_____. *Geografia estética de Fortaleza*. 2.º ed. Fortaleza: Casa da Cultura Capistrano de Abreu, 1988.

_____. *História econômica do Ceará*. Fortaleza: Editora do Instituto do Ceará, 1947.

LEITE, Ana Cristina. *O algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial-1850-1880*. Fortaleza: Secretaria de cultura, 1994.

MONTENEGRO, Abelardo. *O romance cearense*. Fortaleza: Tipografia Royal, 1953.

MOTA, Leonardo. *A Padaria Espiritual*. Fortaleza: Edésio, 1938.

NOBRE, Geraldo da Silva. Relações familiares e movimento da independência no Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, t. especial, 1972.

O Pão... da Padaria Espiritual, Fortaleza-CE: Edições UFC/Academia Cearense de Letras/

Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982. (Edição fac-similar)

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

STUDART, Guilherme (Barão de). *Datas e fatos para a história do Ceará*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1896.